

# Fil.

Professor: Larissa Rocha  
Gui de Franco  
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

## RESUMO

### Arthur Schopenhauer

Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) foi um grande filósofo alemão, conhecido principalmente por sua obra **“o mundo como vontade e representação”**, tendo influenciado pensadores como Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Jung, e artistas como Jorge Luis Borges, Rilke, entre outros. Schopenhauer se apropria de elementos do budismo e de alguns aspectos da filosofia kantiana para construir uma ética da compaixão. Segundo ele, a filosofia tradicional errou em não dar à compaixão o valor que era devido.

Um dos aspectos que o filósofo alemão vai recuperar da filosofia kantiana é a ideia de que nós não podemos conhecer as coisas em si mesmas, ou seja, não podemos conhecê-las exatamente como são, restando-nos conhecê-las a partir de representações. Portanto, o que conhecemos são os fenômenos - as coisas tais como aparecem para nós - mas não a realidade em si mesma. Já o conceito de vontade diz respeito a uma vontade cega e irracional que move todos os seres vivos. Assim, todos os seres, em última análise, lutam pela sua própria vida a partir de uma vontade que é egoísta e voltada para a subsistência.

Com base nessas ideias de vontade e representação, Schopenhauer vai criticar confiança exagerada na razão - presente, por exemplo, em filósofos como Descartes e Kant - pois o homem, segundo ele, não possui o controle racional sobre as coisas e nem sobre si próprio, pois há um desejo cego e incontrolável que os afeta. Assim, é uma ilusão suposto controle racional defendido pela metafísica tradicional, o que nos leva para um visão pessimista sobre a realidade.

O mundo é marcado, seguindo esse ponto de vista, pela dor e pelo sofrimento, pois o homem nunca pode satisfazer completamente o seu desejo. A ética da compaixão e da caridade oferece um contraponto ao egoísmo. Enquanto o egoísmo parte da ideia de que somos o centro do mundo e, nessa mesma medida, acaba por separar os homens, o exercício da compaixão pode, inversamente, unir os homens naquilo que eles têm em comum. Assim, percebemos que todas as coisas estão unidas quando estabelecemos uma relação de compaixão com elas.

## EXERCÍCIOS

1. Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.

SCHOPENHAUER, A. *Aforismo para a sabedoria da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

- a) a consagração de relacionamentos afetivos.
- b) administração da independência interior.
- c) fugacidade do conhecimento empírico.
- d) liberdade de expressão religiosa.
- e) busca de prazeres efêmeros.

2. “A Filosofia a golpes de martelo” é o subtítulo que Nietzsche dá à sua obra *Crepúsculo dos ídolos*. Tais golpes são dirigidos, em particular, ao(s)
- conceitos filosóficos e valores morais, pois eles são os instrumentos eficientes para a compreensão e o norteamento da humanidade.
  - existencialismo, ao anticristo, ao realismo ante a sexualidade, ao materialismo, à abordagem psicológica de artistas e pensadores, bem como ao antigermanismo.
  - compositores do século XIX, como, por exemplo, Wolfgang Amadeus Mozart, compositor de uma **ópera de nome “Crepúsculo dos deuses”, parodiada no título.**
  - conceitos de razão e moralidade preponderantes nas doutrinas filosóficas dos vários pensadores que o antecederam e seus compatriotas e/ou contemporâneos Kant, Hegel e Schopenhauer.
3. Aristóteles, por exemplo, falava da tragédia como catarse, pela qual a arte nos capacita a lidar com emoções universais por nos confrontar com elas e, em certo sentido, nos fazer purgá-las, ao assistirmos a um drama. Hsun Tzu achava que, de certa forma, a música reflete a harmonia da ordem divina, de modo que sabermos apreciar a música de maneira adequada nos leva a um certo *insight* [iluminação] da realidade última. Schopenhauer acreditava que a arte é um *insight* do aspecto fundamental da realidade: a vontade, isto é, o poder por trás de toda atividade do universo.

Considere as seguintes afirmações:

- Para Aristóteles, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.
- Para Hsun Tzu, a música tem uma função preponderantemente expressiva.
- Para Schopenhauer, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.

Está(ão) correta(s)

- apenas I.
- apenas II.
- apenas III.
- apenas I e II.
- apenas II e III.

---

## GABARITO

---

### Exercícios

1. b

Ao criticar a satisfação de nossos desejos, Schopenhauer retoma uma concepção filosófica de tradição estoica, segundo a qual a felicidade se dá através do controle das paixões.

2. d

O indivíduo soberano, diz Nietzsche, deve livrar-se da moralidade, das coerções sociais. Um indivíduo assim se move de acordo com o seu instinto e sua natureza; ele não se submete à consciência que reprime seus impulsos desiderativos. O soberano se livra da consciência destruindo sua memória e alcança a liberdade através do esquecimento. Com marteladas, a ética pode ser fundada com o esquecimento do moralismo.

3. a

Podemos dizer que somente Aristóteles possui uma definição de arte com relação à função expressiva. Enquanto Hsun Tzu e Schopenhauer concebiam a arte como *insight*, Aristóteles a enxergava como catarse, ou seja, como expressão humana (apesar de alguns autores considerarem que a função pedagógica seja a predominante na concepção aristotélica de arte).